

GADAMER E A RECEPÇÃO DA HERMENÊUTICA DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER: UMA DISCUSSÃO SOBRE A INTERPRETAÇÃO PSICOLÓGICA

GADAMER AND THE RECEPTION OF FRIEDRICH SCHLEIERMACHER'S HERMENEUTICS: A DISCUSSION ON THE *PSYCHOLOGICAL INTERPRETATION*

Aloísio Ruedell*

RESUMO – Historicamente, Schleiermacher tem tido uma recepção e uma divulgação, via Dilthey, de acento unilateral em seu caráter psicológico. O propósito deste artigo é mostrar que Gadamer veio se somar a essa tendência. Com o auxílio de Manfred Frank, será possível mostrar os equívocos dessa recepção e a possibilidade de outra leitura, onde o sentido da interpretação psicológica está em ser um complemento da interpretação gramatical, e vice-versa. A discussão dar-se-á, basicamente, em torno da *interpretação psicológica*, com interesse especial no “conceito de divinação”.

PALAVRAS-CHAVE – Linguagem. Consciência histórica. Compreensão. Hermenêutica e divinação.

ABSTRACT – Schleiermacher has been taken, historically, as a reception and divulgation via Dilthey, of a unilateral stress in its psychological character. The present article has as its scope to display that Gadamer came to join in this trend of thought. The aid of Manfred Frank will allow us to show the mistake in such reception and the possibility of another reading where the meaning of psychological interpretation is a complement of grammatical interpretation and vice-versa. The discussion is placed, basically, on the interpretation with special focus in the “concept of divination”.

KEYWORDS – Language. Historical consciousness. Understanding. Hermeneutics and divination.

* Doutor em Filosofia pela PUCRS (1999) é professor de filosofia no Departamento de Humanidades e Educação (DHE), na UNIJUÍ, em Ijuí, RS. <aloisio@unijui.edu.br>.

Introdução

Ao comemoramos, recentemente, 50 Anos da publicação de *Verdade e Método*, reconhecemos o quanto o nosso pensamento e nossas ações estão sob a influência dessa obra. Com um evento desse gênero, tornamos uma confirmação ou uma ilustração de sua teoria da consciência da história efetiva, impedidos de nos evadirmos da ação da história sobre nós. Independentemente da leitura que façamos dessa obra, sua contribuição no campo da filosofia e das ciências humanas em geral não nos permite mais ficar indiferentes diante dela.

A consciência da história efetiva – a *Wirkungsgeschichtliches Bewusstsein* – faz de Gadamer um devedor da tradição. Leva-o a valorizar os que o precederam, e o obriga a iniciar o debate hermenêutico com as discussões anteriores, desde o embate da filosofia romântica com o iluminismo até a crítica heideggeriana ao neokantismo.

A questão a ser investigada nesse contexto é: como se dá essa valorização ou acolhida da tradição? Mais especificamente, qual é a leitura que Gadamer faz da hermenêutica de Schleiermacher? Sabe-se que, historicamente, esse autor tem tido uma recepção e uma divulgação, via Dilthey, de caráter exageradamente psicologizante. O meu propósito é demonstrar que Gadamer veio se somar a essa tendência. Com o auxílio de Manfred Frank, será possível mostrar os equívocos de sua recepção e a possibilidade de outra leitura, onde o sentido da interpretação psicológica está em ser um complemento da interpretação gramatical, e vice-versa. A discussão dar-se-á, basicamente, em torno da *interpretação psicológica*, com interesse especial no “conceito de divinação”. Sem a pretensão de uma discussão exaustiva sobre a posição de Gadamer em relação à hermenêutica de Schleiermacher, prestarei mais atenção a alguns aspectos fundamentais e, especialmente, às questões mais polêmicas. O artigo será uma discussão crítica da recepção de Schleiermacher constante da obra *Verdade e Método*. Os diversos temas ou conceitos a serem discutidos serão, primeiramente, apresentados na versão de Gadamer, seguindo-se, imediatamente, um comentário crítico dessa leitura.

1 A universalização da hermenêutica

Gadamer inicia a discussão marcando bem sua posição de reconhecimento da “guinada hermenêutica” operada em Schleiermacher. À semelhança de Frank e outros filósofos, ressalta a novidade de sua hermenêutica a partir de sua confrontação com os filólogos que o precederam:

A formação de uma ciência hermenêutica – afirma Gadamer – desenvolvida por Schleiermacher na confrontação com os filólogos F. A. Wolf e F. Ast e ampliando a hermenêutica teológica de Ernesti, não representa um mero passo adiante na história da arte de compreender (2003, p. 246).

Essa história da compreensão, sem dúvida, já vinha acompanhada por uma reflexão teórica desde a filosofia antiga. Eram, porém, reflexões que tinham o caráter de uma “doutrina da arte” (*Kunstlehre*), cujo sentido era servir à arte da compreensão, assim como a retórica serve à arte de falar e a poética à arte de poetar. “Nesse sentido, também a hermenêutica teológica da patrística e da Reforma foi uma doutrina da arte” (GADAMER, 2003, p. 246).

Com Schleiermacher, embora se fale em “doutrina da arte”, a discussão é bem diferente. Situa-se em outro nível. A compreensão como tal converte-se em problema. E a universalização desse problema não deixa dúvidas de que a tarefa da compreensão tem agora um novo sentido. Também a reflexão teórica, que a acompanha, recebe um novo sentido. Já não se trata mais de uma doutrina da arte a serviço da *práxis* do filólogo ou do teólogo. Deixa de ser uma disciplina auxiliar, e ela mesma, a hermenêutica, constitui-se em disciplina autônoma.

Ao falar na hermenêutica como “doutrina da arte”, esta expressão tem agora um caráter sistemático bem diferente: “fundamentar teoricamente o procedimento comum a teólogos e filólogos, remontando, para além da intenção de ambos, a uma relação mais originária da compreensão do pensamento” (GADAMER, 2003, p. 247). O que é e como se dá a compreensão como tal, independente do objeto da compreensão?

Até aí, a hermenêutica era determinada pelo conteúdo a ser compreendido, ou seja, historicamente, pela “unidade óbvia da literatura vetero-cristã” (2003, p. 247).

Schleiermacher, ao contrário, *já não* busca a unidade da hermenêutica na *unidade de conteúdo da tradição* a que se deve aplicar a compreensão; mas, abstraindo de toda especificação de conteúdo, ele a procura na unidade de um procedimento, que nem sequer se diferencia pelo modo como as ideias são transmitidas, se por escrito ou oralmente, se numa língua estranha ou na língua própria e contemporânea. O esforço da compreensão surge toda vez que não se dá uma compreensão imediata, e assim toda vez que se deve contar com a possibilidade de um mal-entendido (GADAMER, 2003, p. 247).

o que, para Schleiermacher, significa sempre. Diante do desafio de compreender o outro, o diferente – e a rigor todo texto é outro – o mal-entendido já está dado de antemão.

É no contexto dessa discussão, que Gadamer situa a universalização da hermenêutica de Schleiermacher. Trata-se de um movimento ou processo da discussão hermenêutica que, em Ricoeur, também é designado como “desregionalização”. – Esse autor, em seu livro “Intepretação e Ideologias”, refere-se a dois movimentos históricos da hermenêutica: a “desregionalização”, que é o movimento de universalização da hermenêutica ou a superação das hermenêuticas regionais (filológica, bíblica e jurídica), operado em Schleiermacher, e o movimento de “ontologização”, operado em Heidegger e Gadamer (Ricoeur, 1977). – O campo de atuação da hermenêutica agora não está mais nos setores ou regiões particulares do saber humano, e o interesse volta-se para o problema geral da compreensão e interpretação. O que se põe como objeto de discussão não são mais questões específicas da exegese bíblica ou da interpretação e compreensão filológicas. O nível de discussão está acima das particularidades dos textos e das regras, das “receitas”, entre as quais se dispersava a “arte de compreender”. As teorias hermenêuticas especiais, existindo isoladamente, não passavam, afirma Schleiermacher, de “agregados de observações”, sem caráter científico.

2 A estranheza como fundamento da universalização

A ideia de uma hermenêutica universal surgiu, em Schleiermacher, da “noção de que a experiência da estranheza (*Fremdheit*) e a possibilidade do mal-entendido são universais”. A estranheza, como aquilo que, historicamente, deve ser superado pela hermenêutica, teve aqui uma transformação profunda. “Na individualidade do tu”, ela “já está indissolúvelmente dada num sentido novo e universal” (GADAMER, 2003, p. 248). Não é apenas uma possibilidade, que pode dar-se ou não. Ela já é um pressuposto da individualidade e da diferenciação dos indivíduos, que emerge no momento da comunicação e diante do desafio da compreensão de um texto ou discurso.

Gadamer reconhece esse sentido vivo e genial da individualidade humana, que está na base da hermenêutica de Schleiermacher. Não se trata, porém, de uma característica individual que influencia na sua teoria. É, antes, argumenta Gadamer:

a recusa crítica de tudo que na era da *Aufklärung* se fazia passar por essência comum da humanidade sob o título de ‘pensamento racional’; isso exige uma nova e fundamental determinação da relação com a tradição. A arte de compreender é honrada com uma atenção teórica de princípio e com um cultivo universal, porque o fio condutor dogmático da compreensão de textos já não pode fundamentar-se num consenso bíblico nem racional. Daí a necessidade de Schleiermacher de proporcionar à

reflexão hermenêutica uma motivação fundamental que situe o problema da hermenêutica num horizonte que esta não conhecia até então (2003, p. 248).

Essa citação de Gadamer deixa claro que Schleiermacher veio para romper uma certa tradição de racionalidade. Pois, enquanto a razão fornece a identificação e a caracterização do que os indivíduos têm em comum, o interesse da hermenêutica está, ao contrário, na individualidade de cada um. Seria isso ir contra a razão ou contra a ciência? O texto de Gadamer talvez aponte para essa direção. Ao menos mereceria uma análise mais acurada.

Sem avaliar aqui o sentido preciso desse texto, convém fazer duas observações. Primeiro, Schleiermacher não está preocupado em competir com a precisão das ciências, e também não nega sua importância. Não pretende que a hermenêutica seja ciência, no sentido estrito do termo. Segundo, isso não significa que a hermenêutica fique relegada ao sentimento ou à irracionalidade. Como a sua preocupação está voltada para aquilo que é desconsiderado nas ciências, a individualidade, Schleiermacher propõe uma nova concepção de razão, que também contemple o aspecto individual e histórico. O seu desafio é “pensar uma estrutura racional juntamente com a mudança histórica” (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 24). E é no conceito de *linguagem* que ele encontra essa estrutura: uma complexidade e uma dinamicidade que permitem abrigar e articular com mais facilidade uma racionalidade entre o sistemático e o histórico. A linguagem, segundo ele, está na base de todo o pensamento, e como o próprio pensamento, também a dinâmica da linguagem comporta um elemento lógico-semântico e outro interpretativo, abrigando tanto o *logos apofântico* quanto o *hermenêutico*. É uma interação de duas funções, em que ora predomina uma, ora outra, sem que haja a possibilidade de considerá-las isoladamente, sob pena de resultarem em concepções abstratas (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 61).

3 Compreender como um entender-se recíproco

Este é um princípio que domina o problema da hermenêutica e que, segundo Gadamer, “permite compreender a posição que Schleiermacher ocupa na história da hermenêutica”, embora “não desempenhe nenhum papel para ele” (2003, p. 248).

Não há dúvidas de que hoje, em tempos pós-metafísicos, e situados no paradigma da linguagem, já sempre nos orientamos por este princípio, *compreender como um entender-se recíproco*. É compreensível que em Schleiermacher ele ainda não tivesse a mesma importância que tem hoje.

Fica, porém, estranha a restrição radical de Gadamer, ao afirmar que para ele esse princípio “não desempenha nenhum papel”. Se fosse assim, como se explicaria, de outra maneira, o ideal de compreender o outro, autor ou falante, no discurso e para além do discurso? Como deveria ser entendida a presença da linguagem, um “giro linguístico”, já presente no pensamento de Schleiermacher? Para ele, a concepção da hermenêutica está estreitamente vinculada ao conceito de linguagem. Esta é condição indispensável do discurso e também de sua compreensão. A linguagem é o que está na base de todo pensamento e conhecimento, porque “pensar já é falar”, um “falar interior” (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 96).

Já na hermenêutica de Schleiermacher podemos aprender que não conseguimos sair da linguagem. Embora o ser não se reduza à linguagem, só o podemos compreender sob suas condições e limites. Por isso, se não conseguimos chegar a ele, se não conseguimos compreendê-lo, podemos, ao menos, procurar nos entender uns aos outros, partilhando nossas parcas compreensões. O problema da hermenêutica situa-se mais ao nível da comunicação do que no do conhecimento. A referência aos objetos ou temas de discussão mantém, contudo, um papel fundamental de nos orientar e sinalizar até que ponto ainda formalizamos da mesma forma a nossa compreensão do ser.

4 Incompreensão ou mal-entendido?

O que, segundo Gadamer, motiva e sustenta o projeto hermenêutico de Schleiermacher não é tanto o problema da *incompreensão* (*Unverständnis*) quanto o do *mal-entendido*. Ou seja, ele não considerava mais a situação pedagógica de uma interpretação como explicação, que procura auxiliar à compreensão do aluno. Ao contrário disso, “interpretação e compreensão se interpenetram tão intimamente como a palavra exterior e interior, e todos os problemas da interpretação são, na realidade, problemas da compreensão” (GADAMER, 2003, p. 254). – Fazendo referência a Ernesti – “trata-se apenas da *subtilitas intelligendi*, não da *subtilitas explicandi*”.

Esse sentido da interpretação realmente pode ser encontrado num dos manuscritos de Schleiermacher que tratam dos inícios de suas aulas de exegese. Aí consta:

Quando, há 25 anos, eu começava, no salão, a dar aulas de exegese sobre os textos do Novo Testamento, eu considerava indispensável justificar para mim mesmo, da maneira mais exata possível, os princípios do procedimento, para eu mesmo estar seguro na interpretação e para clarear e fortalecer meu juízo sobre outros intérpretes (2005, p. 15).

Mas, o uso da expressão *mal-entendido* também pode ser visto como uma confirmação da perspectiva da hermenêutica, segundo a qual o desafio está mais no entender-se recíproco dos interlocutores do que na compreensão de algo. O *mal-entendido* se dá entre os interlocutores, quando um interpreta equivocadamente a fala ou o texto do outro.

5 *Laxere* práxis e *strengere* práxis

Gadamer reconhece que essa distinção entre uma práxis mais rigorosa da hermenêutica e uma de sentido mais lato ou displicente é realmente fundamental e está bem declarada em Schleiermacher. Cada uma das perspectivas baseia-se num princípio ou ideia motivadora. A práxis no sentido amplo e menos rigoroso supõe que a compreensão se realiza por si mesma. A interpretação só precisaria entrar em caso de algum problema de entendimento. A práxis mais rigorosa, ao contrário, parte da ideia de que o mal-entendido se dá por si mesmo, e que a compreensão sempre precisa ser querida e buscada. Ela nunca se dá por si.

Nessa distinção, continua Gadamer, está fundamentada a verdadeira contribuição de Schleiermacher: “desenvolver uma verdadeira doutrina da arte do compreender, em vez de uma ‘agregação de observações’” (2003, p. 255). É algo totalmente novo em relação às hermenêuticas especiais. A dificuldade de compreender ou o mal-entendido já não é visto como ocasional, e sim como momento integrador, que se procura eliminar de antemão. Schleiermacher chega a afirmar: “a hermenêutica é a arte de evitar o mal-entendido” (GADAMER, 2003, p. 255). Ela se eleva à autonomia de um método, na medida em que “o mal-entendido se produz por si mesmo e a compreensão é algo que temos de querer e procurar sob todos os aspectos” (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 113). A compreensão requer um empenho efetivo, uma hermenêutica *positiva*, o contrário de um procedimento meramente negativo, no sentido de esclarecer eventuais mal-entendidos.

6 Compreender a intenção do autor

Para Gadamer, está claro que “Schleiermacher não foi o primeiro a restringir a tarefa da hermenêutica em tornar compreensível a intenção de outras pessoas” (2003, p. 255). Como deve ser entendido esse propósito? É no contexto da interpretação psicológica que Schleiermacher propõe esse sentido da hermenêutica, incluindo como objeto de interpretação a vida do autor, no sentido de saber os “motivos” que o levaram a escrever.

Diante do estranhamento dessa tarefa da hermenêutica, mostrada por diversos autores, à semelhança de Gadamer, é oportuno trazer o

comentário que Gunter Scholtz faz sobre esse tema. Ele chama atenção para que se observe bem ao que Schleiermacher realmente quer dizer. Ao perguntar pela intenção do autor, pelos “motivos” que o levaram a escrever ou pelo “projeto originário” de uma obra, pergunta-se, em verdade – afirma ele – pelas circunstâncias que o provocaram. O autor não é uma figura abstrata, mas situado num contexto, que, de alguma forma, o constitui. E certamente não é sempre indiferente ter diante de si apenas uma obra a ser interpretada ou ter, além disso, uma descrição externa de sua origem. Excluir a pergunta pelo autor seria, no mínimo, reduzir toda arte a um e mesmo denominador (SCHOLTZ, 1995, p. 115).

Para Gadamer, está claro que a hermenêutica enquanto arte nunca foi um *organon* de investigação das coisas. Ocupando-se com textos, sempre esteve voltada para seu autor. Ele, contudo, faz ainda a seguinte ressalva: sempre que alguém se esforça por compreender, opera indiretamente uma referência à verdade, que está oculta no texto ou no discurso. Por isso, o que se deve compreender “não é um pensamento enquanto um momento vital, mas enquanto uma verdade” (GADAMER, 2003, p. 255). Esse seria o motivo pelo qual a hermenêutica tem uma função auxiliar, subordinada à investigação do objeto em questão. Também Schleiermacher tem esse entendimento, ao menos quando, no sistema das ciências, relaciona a hermenêutica com a dialética, designada por ele como a ciência superior.

Mas, apesar dessa visão abrangente do sistema global das ciências, Schleiermacher impõe-se a tarefa de isolar o procedimento do compreender, torná-lo autônomo, com metodologia própria. Isso lhe requer duas coisas. Primeiro, negativamente, libertar a hermenêutica da perspectiva redutora que lhe fora imposta pelos predecessores Wolf e Ast. Segundo, “o que deve ser compreendido não é a literalidade e seu sentido objetivo, mas também a individualidade de quem fala ou do autor” (GADAMER, 2003, p. 256). Por isso, a par da interpretação gramatical, Schleiermacher também propõe a interpretação psicológica. Esta é sua contribuição mais genuína. E é também esta que vai interessar de modo particular a Gadamer. A interpretação gramatical, por sua vez, mesmo bem elaborada, não traz grandes novidades ou curiosidades. Não é apresentada por Gadamer, porque o novo e polêmico está na interpretação psicológica.

7 A interpretação psicológica e a *divinação*

Como Gadamer entende esse conceito ou essa perspectiva da interpretação? Várias citações esclarecem essa questão.

É, em última análise – afirma ele – um comportamento divinatório, um transferir-se para dentro da constituição completa do escritor, um conceber o ‘decurso interno’ da feitura da obra, uma reformulação do ato criador. A compreensão é, pois, uma reprodução referida à produção original, um reconhecer do conhecido (Boeckh), uma reconstrução que parte do momento vivo da concepção, da ‘decisão germinal’ como ponto de organização da composição (2003, p. 257-8).

Um pouco adiante, mais uma vez escreve:

O que se deve compreender aqui não é um pensamento comum sobre o conteúdo, mas um pensamento individual, que, por essência é combinação livre, expressão, livre exteriorização de uma essência individual (p. 258-9).

O que se procura é essa produção livre. De maneira ainda mais clara, escreve Gadamer na página seguinte:

No plano da hermenêutica, o que corresponde à produção genial é que ela necessita da adivinhação, do adivinhar de imediato que, em última análise, pressupõe uma espécie de congenialidade. (...) também o fundamento último de toda compreensão terá que ser sempre um ato divinatório da congenialidade, cuja possibilidade repousa sobre uma vinculação prévia de todas as individualidades (2003, p. 260).

Não há dúvidas de que é na interpretação psicológica e, particularmente, no “conceito de divinação” que se encontra o que há de mais peculiar da teoria hermenêutica de Schleiermacher, e o que também já recebeu as mais descontraídas interpretações. Com a explicação de Gadamer, identifica-se sem mais o termo com “sentimento”, no sentido de uma misteriosa compreensão interior¹, fundada sobre uma identidade originária ou congenial entre autor e intérprete. É uma maneira de ele esvaziar o teorema da divinação, de modo a sustentar a tese de que Schleiermacher não levava tão a sério sua “relativização especulativa” da compreensão:

A barreira – diz ele – que permanece para a razão e o ato da compreensão, não é em todos os sentidos intransponível. Ela deve ser superada pelo *sentimento* [compreensão interior], portanto, por uma compreensão direta misteriosa e congenial (GADAMER, 1990, p. 194).²

¹ No alemão “Einfühlung”, ou também “Gefühl”. Em Gadamer, 1990, p. 193, pode-se ler: “... dass auch der letzte Grund alles Verstehens immer ein divinatorischer Akt der Kongenialität sein muss, dessen Möglichkeit auf einer vorgängigen Verbundenheit allen Individualitäten beruht”, e em Gadamer, 1990, p. 194: “... das Gefühl, also ein unmittelbares sympathisches und kongeniales Verstehen...”.

² No original alemão: “Die Schranke, die der Vernunft und dem Begreifen hier bleibt, ist nicht in jedem Sinne unübersteigbar. Sie soll durch das *Gefühl*, also ein unmittelbares sympathisches und kongeniales Verstehen, überschritten werden” (GADAMER, 1990, p. 194).

Nessa perspectiva, devido à identificação entre autor e leitor, a divinação anularia a distância entre eles, situando-se acima ou fora da história. É uma concepção que desconsidera o vínculo necessário entre linguagem e pensamento e, por conseguinte, também entende a própria “reconstrução objetiva da intenção de outrem” como um evento não-linguístico (FRANK, 1985, p. 315).

O termo *divinação* – comenta Frank – esclarece-se adequadamente em seu contexto de origem, na hermenêutica do estilo, cuja compreensão necessita da *divinação*. Esta designa “aquela atitude de consciência do intérprete que corresponde à da produtividade estilística do autor”. Como o estilo é sempre singular e único, também o autor, enquanto sujeito de um estilo, não tem padrão ou regra pelos quais se possa guiar com segurança. Ele pensa e abre seu próprio caminho, da mesma forma como projeta e imagina o todo da obra. Graças à faculdade da imaginação, ele consegue elaborar projetos, pensar e projetar sua pesquisa, programar a publicação de um livro, enfim, imaginar previamente toda a sua construção, marcada pela peculiaridade de seu pensamento e de seu estilo (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 203).

O desafio da divinação é compreender esse aspecto singular e único, designado como estilo de uma obra. Da mesma forma como na construção estilística de uma obra, também aqui não há padrão ou regra que pudesse garantir uma interpretação correta. O singular evade-se da padronização. Não há um caminho lógico que conduz ao outro, o diferente ou único. Sempre permanece uma distância, e a *divinação* significa um *salto* da faculdade de imaginação pelo qual se procura vencer essa distância.

Importa, porém, considerar bem a expressão “procura vencer”. Schleiermacher não tem a ilusão de que seja possível anular totalmente essa distância. Como sempre permanece uma diferença entre os indivíduos, da mesma forma nunca se chegará a uma identificação perfeita entre a peculiaridade estilística de um texto e sua compreensão pelo leitor ou intérprete. É uma compreensão por aproximação, que ainda sempre pode ser aprimorada. Mas, mesmo que esse ideal da compreensão perfeita seja, em princípio, inatingível, constitui-se, contudo, num fator de orientação e de motivação para buscar o aprimoramento da compreensão. Na perspectiva da hermenêutica, ela nunca se dá de uma vez por todas, mas é um processo ou uma busca interminável, viabilizada pelo recurso da linguagem e pela faculdade da imaginação.

Considerações Finais

Ao findar a presente investigação e elaboração, evidenciou-se, em primeiro lugar, o quanto Gadamer, com sua consciência da história efetiva,

reconhece e valoriza as discussões hermenêuticas que o precederam. Deixa clara sua posição de reconhecimento da “guinada hermenêutica” operada em Schleiermacher e, à semelhança de Frank, ressalta a novidade de sua hermenêutica a partir da confrontação com os filólogos Ast e Wolf, que o precederam. Com a universalização da discussão em torno do problema da compreensão e interpretação, atribui-lhe o estabelecimento de uma ciência hermenêutica.

O que, porém, mais se evidenciou ao longo da investigação foi o destaque que Gadamer dá à perspectiva psicológica da hermenêutica de Schleiermacher, confirmando-se, assim, a hipótese constante da introdução. Em diversas abordagens e temas foi possível verificar uma psicologização da teoria hermenêutica de Schleiermacher, no sentido de sugerir uma comunicação e uma compreensão extralinguísticas, viabilizada pela identificação dos interlocutores.

O foco principal da discussão e da polêmica encontra-se no “conceito de divinação”. Na explicação de Gadamer, identifica-se o termo com “sentimento”, no sentido de uma misteriosa compreensão interior, fundada sobre uma identidade originária ou congenial entre autor e intérprete. Nessa concepção, a divinação anularia a distância entre autor e leitor, situando-se acima ou fora da história. É um entendimento que desconsidera o vínculo necessário entre linguagem e pensamento e, por conseguinte, também concebe a reconstrução da intenção de outrem como um evento não-linguístico.

Uma explicação adequada do “conceito de divinação”, segundo Frank, obtém-se a partir de seu contexto de origem, na hermenêutica do estilo, cuja compreensão necessita da *divinação*. Designa-se por esta “aquela atitude de consciência do intérprete que corresponde à da produtividade estilística do autor”. O desafio da divinação é compreender o aspecto singular e único, designado como estilo de uma obra.

Schleiermacher, entretanto, não tem a ilusão de que seja possível realizar plenamente o ideal dessa compreensão, de modo a superar a distância entre autor e intérprete. Como sempre permanece uma diferença entre os indivíduos, da mesma forma nunca se chegará a uma identificação perfeita entre a peculiaridade estilística de um texto e sua compreensão pelo leitor ou intérprete. É uma compreensão por aproximação, que ainda sempre pode ser aprimorada.

Enfim, tanto a criação da obra quanto sua compreensão e interpretação são produzidas pela imaginação, da qual ninguém pode prescindir. Não se trata de uma imaginação gratuita ou adivinhação aleatória, e sim de um atinar a partir dos dados disponíveis. Não há imaginação a partir de nada, como também não existe um estilo sem a linguagem. Assim como a concepção da forma da obra, a estrutura do todo só é possível

pela fantasia, a divinação, segundo Schleiermacher, o esforço de refazer o projeto criador e imaginário do autor. É a tentativa de refazer a singularidade estilística de uma obra (interpretação técnica) e de seu autor (interpretação psicológica).

Referências

FRANK, Manfred. *Das individuelle Allgemeine*; Textstrukturierung und -interpretation nach Schleiermacher. Frankfurt a.Main: Suhrkamp, 1985.

GADAMER, H.-G. *Gesammelte Werke-1*; Hermeneutik-I: Wahrheit und Methode-1. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. 6. Aufl., Tübingen: Mohr, 1990.

_____. *Verdade e Método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 5. ed. Trad. de Flávio Paulo Meurer; nova revisão da tradução por Enio Paulo Giachini e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo – I*. 3. ed. Trad. de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Org., trad. e apresentação de Hilton Japiassu, Rio: Francisco Alves, 1977.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Hermeneutik*. Nach den Nachschriften neu herausgegeben und eingeleitet von Heinz Kimmerle. 2. Verb. u. erweiterte Aufl. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1974.

_____. *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4. Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990, 467 p.

_____. *Hermenêutica e crítica*; com um anexo de textos de Schleiermacher sobre filosofia da linguagem – I. Trad. de Aloísio Ruedell. Revisão de Paulo R. Schneider. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005.

SCHOLTZ, Gunter. *Ethik und Hermeneutik*; Schleiermachers Grundlegung der Geisteswissenschaften. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

Recebido em fevereiro 2012.

Aceito para publicação em dezembro 2012.